



ANA LÍVIA CAZANE

Economia



SUMÁRIO

AULA 01	CONCEITOS ECONÔMICO BÁSICOS 04	AULA 10	OLIGOPÓLIO E COMPETIÇÃO MONOPOLÍSTICA 51
AULA 02	NECESSIDADE DE ESCOLHA E CUSTO DE OPORTUNIDADE 11	AULA 11	FUNDAMENTOS DA MACROECONOMIA 56
AULA 03	DIFERENÇAS ENTRE MACRO E MICROECONOMIA 15	AULA 12	QUANTIFICANDO A RENDA NACIONAL: PIB 59
AULA 04	FLUXOS DO SISTEMA ECONÔMICO 20	AULA 13	MOEDA 68
AULA 05	DEMANDA 24	AULA 14	INFLAÇÃO 72
AULA 06	OFERTA 31	AULA 15	POLÍTICA MONETÁRIA 77
AULA 07	EQUILÍBRIO DE MERCADO 36	AULA 16	POLÍTICA FISCAL 80
AULA 08	ELASTICIDADE 38		
AULA 09	ESTRUTURAS DE MERCADO: CONCORRÊNCIA PERFEITA E MONOPÓLIO 45		CONCLUSÃO 83
			REFERÊNCIAS 85





INTRODUÇÃO

Olá, Aluno(a)! É um prazer tê-lo conosco nesta disciplina.

Sou a Professora Ana Livia Cazane e atuo como docente de graduação e pós-graduação na área de Economia desde 2011, quando fazia meu mestrado.

Talvez você se pergunte O PORQUÊ DE ESTUDARMOS ECONOMIA neste curso. A resposta é muito simples: porque a Economia nos ensina a administrar os recursos (mão de obra, matérias-primas e terra, dentre outros) que uma sociedade possui, o que a torna interessante para todos.

Quantas vezes você já ouviu termos como inflação, crise econômica, desemprego, aumento ou diminuição das taxas de juros? Todas essas questões estão inseridas no âmbito econômico, e trabalharemos ao longo desta disciplina para que, ao final do curso, você saiba como lidar com todos esses assuntos, uma vez que o objetivo deste livro é trazer a você as principais noções dessa ciência.

Acrescento que estudar e compreender a ciência econômica é uma forma de aumentar significativamente os conhecimentos sobre o Brasil e sobre o mundo, bem como nos permite exercer a cidadania de maneira melhor e mais efetiva. Além do mais, contribui para a tomada de decisões nos negócios, já que a realidade econômica permeia os mais diferentes aspectos da vida e da sociedade.

O conteúdo da Economia pode ser muito fascinante. Se você for curioso, interessado e aplicado, poderá enriquecer sua vida pessoal e profissional por meio deste conteúdo, pois estará trabalhando um assunto de extrema importância em nosso dia a dia.

Para contextualizar o assunto, primeiramente vamos conhecer os conceitos econômicos básicos (oferta, demanda, mercado) a fim de que você possa estabelecer relações entre a economia e o seu cotidiano. Na sequência, vamos estudar as Estruturas de Mercado com o objetivo de compreender como o mercado se organiza, identificando as estruturas que organizam os mercados e apontando suas características e consequências. Também trabalharemos a parte Macroeconômica, Produto Interno Bruto e as Políticas Fiscais e Monetárias.

Bom estudo!



AULA 01

CONCEITOS ECONÔMICOS BÁSICOS



Em nosso dia a dia, nos deparamos com várias questões de economia. Atualmente, o conhecimento sobre o assunto é muito necessário, uma vez que grande parte dos problemas da sociedade está ligada a problemas de natureza econômica. Porém, apesar de a maioria das pessoas participarem ativamente da economia, poucas possuem conhecimento teórico que possibilite analisar os problemas econômicos.

Em “Conceitos Econômicos Básicos”, trataremos dos principais elementos da análise econômica. O objetivo é introduzir você, aluno(a), na discussão desses conceitos que são fundamentais para o desenvolvimento eficiente da disciplina.

A palavra ECONOMIA vem do grego “oiko”, que significa “casa”, e “nomos”, que significa “norma, lei”. Assim, OIKONOMOS seria a administração da casa, aquele que administra o lar, ou ainda, administração da coisa pública (Vasconcelos, 2011).

A ciência econômica está classificada entre as ciências humanas. O seu campo de atuação é o estudo de como são empregados os fatores de produção para a obtenção de riquezas e como essas são distribuídas e consumidas pela sociedade.

De acordo com Passos e Nogami (2003), a economia é uma ciência social, pois se ocupa do comportamento humano e estuda como as pessoas e as organizações na sociedade se empenham na produção, troca e consumo de bens e serviços.

Uma definição muito prática de economia é utilizada por Hall e Lieberman., De acordo com esses autores, economia é o estudo da **escolha** sob condições de escassez.



ANOTE ISSO

“Economia é o estudo da escolha sob condições de escassez”.

HALL E LIEBERMAN

Mais detalhadamente, a economia estuda a maneira como se administram os recursos escassos com o objetivo de produzir bens e serviços e distribuí-los para seu consumo entre os membros da sociedade (Troster e Mochon).



Essas definições contêm diversos conceitos importantes, que serão discutidos a seguir:



Fonte: Desenvolvido pela autora

RECURSOS X NECESSIDADES

Em qualquer sociedade, os recursos produtivos ou fatores de produção (mão de obra, terra, matérias-primas, dentre outros) são limitados. Por outro lado, as necessidades humanas são ilimitadas e sempre se renovam por força do próprio crescimento populacional e do contínuo desejo de elevação do padrão de vida. Independentemente do grau de desenvolvimento do país, nenhum deles dispõe de todos os recursos necessários para satisfazer todas as necessidades da coletividade. Tem-se então um problema de escassez: recursos limitados contrapondo-se a necessidades humanas ilimitadas (VASCONCELLOS, TONETO JUNIOR e SAKURAI, 2015).

Diante da escassez de recursos, toda sociedade deve, portanto, escolher entre alternativas de produção e de distribuição dessa produção. É fácil imaginar que, se os recursos fossem ilimitados, a Economia perderia seu sentido, mas a realidade não é assim, e a sociedade precisa tomar decisões quanto à melhor utilização de seus recursos (VASCONCELLOS, TONETO JUNIOR e SAKURAI, 2015).

NECESSIDADE HUMANA > RECURSOS OU FATORES

Vamos detalhar um pouco mais esses conceitos: “Necessidade Humana” é todo desejo que envolva a escolha de um bem econômico – sobrevivência ou bem-estar. Pode ser dividida em “Necessidade Primária” e “Necessidade Secundária”

- **Primária** = alimento, habitação, vestuário, saúde
- **Secundária** = transporte, educação, segurança, comunicação, lazer, cultura.



As necessidades humanas variam no tempo e no espaço e estão sujeitas a influências culturais e inovações tecnológicas.



Fonte: Desenvolvido pela autora

Por outro lado, para suprir as necessidades humanas, produzimos bens e serviços. Para isso usamos os “Recursos” que são os elementos básicos utilizados na produção de bens e serviços. São denominados também como fatores de produção.

Tradicionalmente, esses fatores se dividem em três categorias: **terra, trabalho e capital**.

Cada Recurso (ou Fator) de produção possui um tipo de remuneração, que depois será utilizada para satisfazer as necessidades humanas:

Recursos x Remuneração

FATOR DE PRODUÇÃO	REMUNERAÇÃO
Mão de Obra	Salários
Capital Financeiro	Juros
Recursos Naturais e máquinas	Aluguéis
Capacidade Empresarial	Lucros

Fonte: Desenvolvido pela autora



PROBLEMA DE ESCASSEZ

Os recursos produtivos (mão de obra, terra, matérias primas, dentre outros) são limitados em qualquer sociedade. Porém, as necessidades humanas são ilimitadas e sempre se renovam por força do próprio crescimento populacional e do contínuo desejo de elevação do padrão de vida.

Independentemente do grau de desenvolvimento do país, nenhum deles dispõe de todos os recursos necessários para satisfazer todas as necessidades da coletividade.

Tem-se então um **problema de escassez**: recursos limitados contrapondo-se a necessidades humanas ilimitadas.



ANOTE ISSO

Tendo em conta essa situação, parece estranho à economia abordar a escassez como um problema universal, isto é, como um problema que afeta todas as nações. Isso se deve em razão de a economia considerar o problema como de escassez relativa, uma vez que os bens e serviços são escassos em relação ao desejo dos indivíduos

Bens escassos: são aqueles que nunca se têm em quantidade suficiente para satisfazer os desejos dos indivíduos.



Fonte: Desenvolvido pela autora



ISTO ESTÁ NA REDE

Vídeo: ECONOMIA ANIMADA - O QUE É ECONOMIA:

Descubra, em bom português, o que os economistas tanto estudam.
<https://www.youtube.com/watch?v=mJsncXWcc-E>

Da quantidade limitada de recursos produtivos associada às necessidades ilimitadas do homem, originam-se quatro questões econômicas fundamentais que norteiam boa parte da ciência econômica: **o que produzir, quanto produzir, como produzir** e, finalmente, **para quem produzir** (VASCONCELLOS, TONETO JUNIOR e SAKURAI, 2015).



QUESTÕES ECONÔMICAS BÁSICAS E CONTEXTO HISTÓRICO

Vamos analisar essas questões: O quê e quanto produzir? Como produzir? Para quem produzir?

- **O quê e quanto produzir:** dada a escassez de recursos de produção, a sociedade terá de escolher, dentro do leque de possibilidades de produção, quais produtos serão produzidos e as respectivas quantidades a serem fabricadas;
- **Como produzir:** a sociedade terá de escolher ainda quais recursos de produção serão utilizados para a produção de bens e serviços, dado o nível tecnológico existente. A concorrência entre os diferentes produtores acaba decidindo como serão produzidos os bens e serviços. Os produtores escolherão, entre os métodos mais eficientes, aquele que tiver o menor custo de produção possível;
- **Para quem produzir:** a sociedade terá também de decidir como seus membros participarão da distribuição dos resultados de sua produção. A distribuição da renda dependerá não só da oferta e da demanda nos mercados de serviços produtivos, ou seja, da determinação dos salários, das rendas da terra, dos juros e dos benefícios do capital, mas também da repartição inicial da propriedade e da maneira como ela se transmite por herança.

Para os autores Vasconcellos, Toneto Junior e Sakurai (2015), o tratamento dessas questões depende da forma do sistema de produção adotado, ou seja, da forma da organização econômica.

Pode-se definir um sistema de produção, ou sistema econômico como o modelo de organização econômica de uma sociedade com base no qual se organiza a produção, a distribuição e o consumo de todos os produtos e serviços que, em última instância, são consumidos visando o aumento de bem-estar. De modo geral, os sistemas econômicos contemporâneos podem ser classificados em dois grandes grupos: **o sistema socialista (de economia centralizada ou planificada) e o sistema capitalista (ou economia de mercado).**

No sistema socialista, a produção é gerida pelo governo (o Estado), predominando a propriedade pública dos recursos de produção. No século XX, até o início dos anos 1990, esse sistema prevaleceu em várias economias e teve como líder a antiga União Soviética. Atualmente, poucas economias adotam esse sistema fielmente, com destaque para Cuba e Coreia do Norte (VASCONCELLOS, TONETO JUNIOR e SAKURAI, 2015).

Por sua vez, no sistema capitalista, o funcionamento da economia é regido pelo mercado, ou seja, pela livre interação entre produtores e consumidores, predominando (mas não somente existindo) a propriedade privada dos fatores de produção e a livre iniciativa na sua utilização. Ainda que importante do ponto de vista conceitual, na prática, essa discussão tem tido destaque cada vez menor no debate econômico. A China, por exemplo, que adota um sistema socialista de produção, tem, ao longo das últimas décadas, adotado uma série de medidas de estímulos a uma economia de mercado, sendo, por



isso, chamada informalmente de “socialismo de mercado” ou “capitalismo de Estado” (VASCONCELLOS, TONETO JUNIOR e SAKURAI, 2015).

Caros(as) alunos(as), gostaria neste momento de destacar que, embora tenha um objetivo bem definido e um núcleo próprio de análise, a Economia se relaciona fortemente com outras áreas de conhecimento.

O início do estudo da Economia coincidiu com os grandes avanços das ciências físicas e biológicas nos séculos XVIII e XIX. A construção do núcleo científico inicial da Economia se deu com base nas chamadas concepções organicistas (biológicas) e mecanicistas (físicas). Segundo o grupo organicista (da Biologia), a Economia se comportaria como um órgão vivo. Essa é a origem de importantes termos econômicos, como órgãos, funções, circulação e fluxos. Segundo o grupo mecanicista (da Física), as leis da Economia se comportariam como algumas leis da Física, o que explica o uso de termos como estática, dinâmica, aceleração e velocidade, por exemplo. Além da influência da Física e da Biologia, do fato de a Economia estudar indicadores ou unidades de medida associadas a quantidades e preços, e muitas vezes estabelecer relações entre essas variáveis (por exemplo, de que forma os preços afetam a quantidade consumida de certo produto), surge a necessidade de empregarmos métodos matemáticos e estatísticos. A Matemática e a Estatística permitem expressar de modo sintético importantes conceitos e relações de Economia, tornando possível formalizar o entendimento de questões essenciais sob a forma de modelos analíticos (VASCONCELLOS, TONETO JUNIOR e SAKURAI, 2015).

Outra interação importante ocorre entre a Economia e a Ciência Política, pois esta determina boa parte das instituições sobre as quais se desenvolverão as atividades econômicas. O sistema econômico em um regime democrático funciona de maneira diferente de num regime ditatorial, uma vez que neste a autoridade política tende a sofrer menos oposição e ter mais poder para colocar em prática as políticas almejadas. Já num regime democrático, os diferentes segmentos da sociedade podem opinar e interferir direta ou indiretamente sobre as ações do governo. Além disso, grupos políticos podem atuar representando o interesse de grupos específicos da população, e não o interesse da coletividade, e, assim, fazer com que determinada política governamental não atinja o melhor resultado do ponto de vista da sociedade como um todo (VASCONCELLOS, TONETO JUNIOR e SAKURAI, 2015).



AULA 02

NECESSIDADE DE ESCOLHA E CUSTO DE OPORTUNIDADE



Na vida, somos forçados a escolher continuamente. Quando optamos por algo, temos que renunciar outras coisas.



Alimento Saudável x Alimento Industrializado

Como os recursos disponíveis são escassos, somente se pode satisfazer uma necessidade se se deixa de satisfazer outra. Não há recursos materiais, trabalho ou capital suficientes para produzir tudo que as pessoas desejam. Por isso, é necessário escolher entre as diferentes opções que se apresentam.

Esse problema é enfrentado pelos governos, famílias e empresas.

Quando decidem gastar ou produzir, governos, famílias ou empresas estão renunciando a outras possibilidades. A opção que se deve abandonar para poder produzir ou obter outra coisa se associa, em economia, ao conceito de Custo de Oportunidade (CO).

Em outras palavras, de acordo com Vasconcellos, Toneto Junior e Sakurai (2015), intuitivamente o custo de oportunidade pode ser entendido como o benefício gerado por aquilo do qual se abre mão ao se realizar uma escolha. Justamente por isso, o custo de oportunidade também é chamado “custo implícito” ou “custo alternativo”. Suponha, por exemplo, que um indivíduo pode escolher consumir um bem X ou um bem Y e opta pelo Y. Como abdicou do consumo do X, o benefício gerado por esse bem representa o custo de oportunidade por ter optado por Y. Naturalmente, estamos assumindo que o benefício gerado por Y é maior do que o gerado por X, caso contrário, ele teria optado por X. De qualquer modo, o conceito de custo de oportunidade reflete a ideia de que toda escolha envolve uma renúncia, que deve ser considerada nas decisões de todos os agentes, sejam eles produtores ou consumidores.



ANOTE ISSO

O custo de oportunidade de um bem ou serviço é a quantidade de outros bens ou serviços que se deve renunciar para obtê-lo.

Exemplificando, o conceito de CO implica também fazer trocas compensatórias, por exemplo: em 1945, 55% da capacidade industrial mundial era voltada para armamentos – foi escolhido produzir armas ao invés de alimentos.

Outro conceito complementar ao CO é o Trade-off, que define uma situação de escolha conflitante, ou seja, quando uma ação para a solução de um problema acarreta inevitavelmente outros.

A visão de Vasconcellos (2014) é interessante para complementar esse tema. O autor faz a seguinte reflexão:

A economia parte do princípio de que os recursos são escassos diante do conjunto de necessidades que tentamos satisfazer, que é sempre crescente. Sendo assim, como esta ciência poderia ajudar a sociedade a escolher os melhores usos para esses recursos?

A resposta é que o papel da economia é mostrar-nos quais são os custos e benefícios associados a cada escolha. Ou seja, poderíamos afirmar que a chamada abordagem econômica não é outra coisa senão uma análise de custo-benefício aplicada às decisões da sociedade.

Assim, se uma empresa decidir se deve ou não lançar um produto novo, deverá avaliar quais serão os custos adicionais associados a este projeto, porto que precisará contratar mão de obra, comprar mais insumos, mais matérias-primas, etc. (VASCONCELLOS, 2014). Além disso, a empresa deverá garantir que seu proprietário receba pelo menos o rendimento equivalente à melhor aplicação que poderia realizar com seus recursos financeiros que estaria investido no lançamento desse produto novo. Ou seja, além dos custos explícitos anteriores, a empresa deverá incluir como despesa, ainda que implícita, o custo de oportunidade de seu acionista.

Além disso, ainda de acordo com Vasconcellos (2014), também será importante estimar o aumento de receitas (benefícios) que as vendas desse produto significarão para a empresa. Assim, se os custos superam os benefícios adicionais, sua decisão deverá ser não lançar o produto e vice-versa se a relação custo-benefício for positiva. Esse tipo de análise configura o que se chama de análise de viabilidade econômica de um projeto, uma das principais aplicações práticas da abordagem de custo-benefício que caracteriza a ciência econômica.



Contudo, a utilização da abordagem custo-benefício não tem por que ficar restrita às decisões econômicas individuais (microeconômicas), e também pode ser usada para analisar a conveniência de realizar uma determinada política macroeconômica. Assim, por exemplo, o aumento das transferências de renda (Bolsa Escola, Bolsa Família, aumentos reais do salário mínimo, benefícios da previdência social) praticado durante os governos Fernando Henrique e Lula ajudou a reduzir a desigualdade da distribuição de renda brasileira, uma das mais perversas do mundo. Isso certamente poderia ser considerado um benefício para a sociedade brasileira tanto em termos éticos como no tocante à estabilidade política e social. Todavia, essas transferências fazem parte do gasto do governo, o que leva o setor público a aumentar impostos e a se endividar para poder financiá-las. O aumento dos impostos reduz a capacidade de compra das famílias, inclusive no campo daquelas que recebem as transferências, e o maior endividamento público diminui o crédito disponível para famílias e empresas, elevando a taxa de juros, e se constituindo em importantes custos para a sociedade.

Em síntese, qualquer decisão, seja ela individual (microeconômica) ou coletiva (macroeconômica), implicará custos e benefícios para a sociedade, independentemente de se esses últimos serão maiores que os primeiros e vice-versa (VASCONCELLOS, 2014). Como afirmou certa vez Milton Friedman, famoso economista norte-americano, “em economia não existe almoço grátis”.





AULA 03

DIFERENÇAS ENTRE MACRO E MICROECONOMIA



Esta disciplina aborda duas questões principais: a micro e a macroeconomia. Essa divisão facilita a compreensão dos conceitos. Convém então explicar as principais diferenças dessas duas abordagens.

Os problemas econômicos podem ser vistos e analisados sob duas ópticas que se complementam: a microeconomia e a macroeconomia.

- **Microeconomia:** ocupa-se da análise do comportamento das unidades econômicas como as famílias, ou consumidores, e as empresas. Estuda também os mercados em que operam os demandantes e ofertantes de bens e serviços. A perspectiva microeconômica considera a atuação das diferentes unidades econômicas como se fossem unidades individuais.

A microeconomia é aquela parte da teoria econômica que estuda o comportamento das unidades, tais como os consumidores, as indústrias e empresas e suas inter-relações.

- **Macroeconomia:** parte dos fundamentos microeconômicos para o estudo do desenvolvimento global da economia, ou seja, estuda e analisa a economia como um todo. Assim, são considerados a renda nacional, o desemprego, a inflação, a balança de pagamento e as taxas de câmbio e o crescimento econômico.

A macroeconomia estuda o funcionamento da economia em seu conjunto. Seu propósito é obter uma visão simplificada da economia que, porém, ao mesmo tempo, permite conhecer e atuar sobre o nível da atividade econômica de um determinado país ou de um conjunto de países.



ISTO ACONTECE NA PRÁTICA

Aluno, veja na prática a diferença entre o estudo da macro e da microeconomia:

- Em micro, você pode estudar por que há trabalhadores desempregados em um determinado segmento.
- Em macro, você estudará o que determina o índice de desemprego em um país.
- Em micro, você pode estudar por que o preço do milho aumenta se os fazendeiros têm uma safra ruim e uma colheita menor que a normal.
- Em macro, você irá estudar por que todos os preços podem estar subindo à taxa de 5% ao ano.
- Em micro, você pode estudar como um banco individualmente tenta obter lucro.
- Em macro, você estudará como todo o sistema bancário opera.

Interessante, não é?

Observe como os conceitos se complementam!



Alunos(as), nas próximas aulas, aprofundaremos a Teoria Microeconômica, que consiste principalmente na análise de demanda, oferta e estruturas de mercado.

A análise microeconômica, ou Teoria dos Preços, como parte da Ciência Econômica, preocupa-se em explicar como se determina o preço dos bens e serviços, bem como dos fatores de produção. O instrumental microeconômico também procura responder a questões aparentemente triviais como, por exemplo: porque, quando o preço de um bem se eleva, a quantidade demandada desse bem deve cair *ceteris paribus*.



ANOTE ISSO

Utilizaremos com bastante frequência a expressão *ceteris paribus*, que significa “tudo o mais mantido constante”. Como um fenômeno econômico é normalmente influenciado por vários fatores ao mesmo tempo, essa premissa é importante, pois permite analisar certo fenômeno atribuindo um foco específico ao seu elemento causador.

Entretanto, deve-se salientar que se a Teoria Microeconômica não é um manual de técnicas para a tomada de decisões do dia a dia, mesmo assim ela representa uma ferramenta útil para estabelecer políticas e estratégias, dentro de um horizonte de planejamento tanto no nível de empresas quanto no nível de política econômica.

Para complementar essa definição, trago os autores Vasconcellos, Oliveira e Barbieri (2011). De acordo com esses autores, a microeconomia fornece o instrumental de análise que é empregado por praticamente todos os ramos do pensamento econômico dominante. Ela fornece uma base teórica para as disciplinas de economia aplicada, tais como: Economia do Setor Público, Economia da Saúde, Economia da Educação, Economia do Trabalho, Economia Agrícola, Economia Internacional, Economia do Meio Ambiente, etc. Três princípios caracterizam a elaboração da teoria microeconômica:

- a. Pressupõe-se que a economia é composta por unidades tomadoras de decisão ou agentes econômicos. Essas unidades são usualmente (mas não necessariamente) classificadas em dois grandes grupos: as firmas, que tomam decisões relativas à produção de bens e serviços, e os consumidores, que, como o nome sugere, tomam decisões concernentes ao consumo desses bens e serviços. Um consumidor pode ser entendido tanto como um indivíduo isolado quanto como uma família que toma decisões de consumo coletivamente. As firmas são normalmente interpretadas como pessoas jurídicas vinculadas à produção de bens e serviços;
- b. A cada unidade decisória é atribuída uma função-objetivo, que se supõe perseguida coerentemente. Frequentemente (mas também não necessariamente), assume-se que cada consumidor tem por objetivo escolher o padrão de consumo que lhe é preferido a todos os outros padrões acessíveis, e que a firma tem por objetivo a obtenção de lucro máximo;



- c. Por último, presume-se que o sistema econômico oferece limites para a obtenção dos objetivos perseguidos pelos agentes econômicos. Esses limites consistiriam na escassez relativa dos recursos produtivos ou fatores de produção diante das necessidades dos agentes. Essa última hipótese adotada é chamada, notadamente nos livros de introdução à economia, de lei da escassez (que vimos em aulas anteriores) (VASCONCELLOS, OLIVEIRA e BARBIERI, 2011).

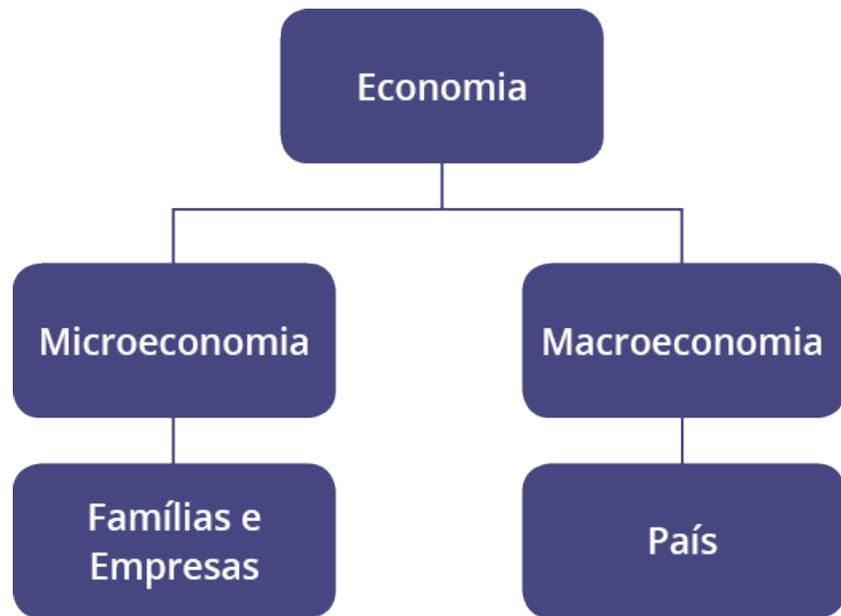
Em nível de empresas, a análise microeconômica pode subsidiar as seguintes decisões:

- Política de preços da empresa;
- Previsões de demanda e de faturamento;
- Previsões de custos de produção;
- Decisões ótimas de produção (escolha da melhor alternativa de produção, isto é, da melhor combinação de fatores de produção),
- Avaliação e elaboração de projetos de investimentos (análise custo-benefício da compra de equipamentos, ampliação da empresa, etc.);
- Política de propaganda e publicidade (como as preferências dos consumidores podem afetar a procura do produto);
- Localização da empresa (se a empresa deve situar-se próxima aos centros consumidores ou aos centros fornecedores de insumos);
- Diferenciação de mercados (possibilidades de preços diferenciados, em diferentes mercados consumidores do mesmo produto).

Em nível de política econômica, a Teoria Microeconômica pode contribuir na análise e tomada de decisões das seguintes questões:

- Efeitos de impostos sobre mercados específicos;
- Política de subsídios (nos preços de produtos como trigo e leite, ou na compra de insumos como máquinas, fertilizantes, etc.);
- Fixação de preços mínimos na agricultura
- Controle de preços;
- Política salarial;
- Política de tarifas públicas (água, luz, etc.);
- Política de preços públicos (petróleo, aço, etc.);
- Leis antitrustes (controle de lucros de monopólios e oligopólios).

Como se observa, são decisões necessárias ao planejamento estratégico das empresas e à política e programação econômica do setor público.



Fonte: Desenvolvido pela autora





AULA 04

FLUXOS DO SISTEMA ECONÔMICO



Caro(a) Aluno(a), para que você possa entender adequadamente as discussões das próximas aulas, explicarei um conceito importante.

No lugar de “produto” ou “serviço”, por algumas vezes vou usar um único termo mais genérico: “bem”. Assim, toda vez que mencionarmos “demanda pelo bem X”, não importa saber se “X” é sorvete, automóvel ou atendimento médico. O objetivo é simplificar a discussão dizendo que X é um bem consumido por alguém e produzido por outro. Isso será suficiente para entendermos as discussões das próximas aulas.

Esta aula tem como objetivo discutir o funcionamento do “mercado”, um dos mecanismos mais importantes do nosso cotidiano.

Uma economia de mercado funciona através de fluxos de bens e também através de fluxos monetários, pois como sabemos, é preciso pagar por bens!

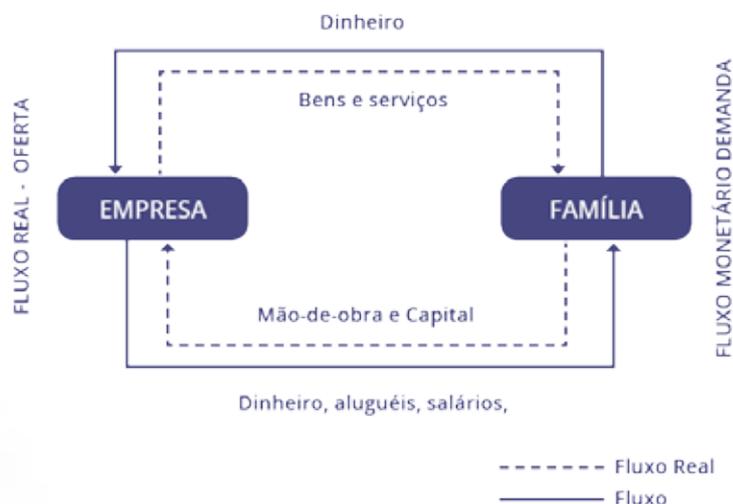
Para entender o funcionamento do sistema econômico, vamos supor uma economia de mercado que não tenha interferência do governo (por enquanto, para simplificarmos) nem transações com o exterior (economia fechada).

Os agentes econômicos são as famílias e as empresas. As famílias são proprietárias dos fatores de produção e os fornecem às unidades de produção (empresas) no mercado dos fatores de produção. As empresas, pela combinação dos fatores de produção, produzem bens e serviços e os fornecem às famílias no mercado de bens e serviços.

A esse fluxo de fatores de produção, bens e serviços denominamos fluxo real da economia.

Podemos representar o fluxo de um sistema econômico de forma bem simplificada. Para maior entendimento, ambos os grupos (família e empresas) interagem em dois tipos de mercado: mercado de bens e mercado de recursos.

Representação gráfica da Circulação e fluxo no Sistema Econômico:



Fonte: Adaptado de Dallagnol (2008, p.36)



Podemos perceber que o funcionamento do fluxo monetário, representado por linhas contínuas, ocorre a partir das empresas que contratam, junto às famílias, os fatores de produção, trabalho, capital, etc. Ao mesmo tempo, a empresa organiza os fatores de produção de que agora dispõe e começa a estabelecer o fluxo real quando ocorre a oferta de bens e serviços produzidos.

Os fluxos se encontram no mercado e têm uma sequência. Começa com a necessidade das empresas com relação aos fatores de produção que conseguem com as famílias. As famílias, por sua vez, necessitam oferecer fatores de produção às empresas, pois necessitam de recursos financeiros para poderem adquirir os bens e serviços de que necessitam. Estando as famílias com recursos financeiros em mãos, adquirem os bens e serviços de que necessitam, e esgotam ou diminuem a quantidade desses bens e serviços no mercado, fazendo com que as empresas voltem a contratar os fatores de produção com as famílias e, assim, começar novamente o ciclo do fluxo do sistema econômico.

Devemos deixar claro a simplicidade do exemplo exposto, uma vez que, em muitos casos, há a intervenção do governo e também a participação do mercado externo, o que não foi adequado colocar no fluxo justamente para facilitar o raciocínio.

MERCADO

Mercado é o encontro entre vendedores e compradores. Um mercado pode estar em qualquer lugar, na esquina de uma rua ou no outro lado do mundo, ou bem perto, como o telefone ou os classificados do jornal. Não precisa ser um lugar fixo. Nele, estão presentes os fundamentos da procura e da oferta, que representam os interesses de consumidores e produtores (ou vendedores).

Ou seja, Mercado é toda instituição social na qual bens e serviços são trocados livremente. Em geral, o mercado ocorre conforme questões normativas (ou legais), mas mesmo o mercado ilegal é um mercado – o comércio de produtos piratas e até o contrabando de drogas e armas ocorrem por via do mercado.

A existência de um mercado é condição básica para a Demanda e a Oferta.

A oferta e a demanda são forças básicas de funcionamento de uma economia capitalista, sendo que a oferta representa o desejo de vender por parte dos vendedores e a demanda, por sua vez, representa o desejo de comprar por parte dos compradores.

Nas sociedades contemporâneas, as compras ocorrem mediante o uso de moeda como meio de troca. Como veremos nas aulas sobre macroeconomia, uma das funções da moeda é justamente servir como intermediário das trocas. Contudo, nada impede que dois agentes realizem trocas diretas entre



produtos ou serviços, como ocorria na antiguidade, por meio do escambo. De acordo com Vasconcellos, Toneto Junior e Sakurai (2015), seja com a intermediação da moeda ou por trocas diretas, o mercado é o mecanismo que permite a interação entre agentes econômicos e a realização de todas essas transações. É justamente por permitir e facilitar a ocorrência dessas transações que o mercado é uma instituição importante para o funcionamento da economia, e quanto mais rápido e mais simples o mercado funcionar, mais transações serão realizadas, e conseqüentemente mais produção e renda a sociedade tende a gerar.



ANOTE ISSO

CONCEITOS IMPORTANTES!

1. **Bens:** são todas as coisas úteis que satisfazem as necessidades humanas. Nesse sentido, a casa é um bem que satisfaz a necessidade que o homem tem de abrigar-se; o pão satisfaz a necessidade de se alimentar, etc. Observe que aquilo que não é útil para uma pessoa pode ser útil para outras. É o caso do cigarro que, embora seja prejudicial à saúde, é útil e satisfaz a necessidade de fumar do fumante. Logo, em termos econômicos, o cigarro é um bem!
2. **Preço:** é a expressão monetária do valor de um bem ou serviço. Os bens se dividem em não econômicos (abundantes ou livres) e econômicos (raros ou escassos). Os bens são ditos “não econômicos” se a eles não se puderem atribuir preços e, portanto, não for possível transacioná-los no mercado. É o caso do ar que se respira, da luz solar, das águas dos rios, etc. Os bens econômicos, ao contrário, são raros, e há que se negociar para adquiri-los. Essa negociação lhes confere um preço e se processa no mercado.
3. **Mercado:** é o contexto (e não o local) em que compradores (do lado da procura) e vendedores (do lado da oferta) realizam transações. Alternativamente, pode-se dizer que o mercado é a interação entre as forças de oferta e de procura.

Fonte: VASCONCELLOS, TONETO JUNIOR E SAKURAI, 2015.

Aluno(a), para compreender perfeitamente este mecanismo, nas próximas aulas trabalharemos dois conceitos básicos e que, invariavelmente, se referem ao mercado: a demanda e a oferta. Posteriormente, falaremos do conceito de equilíbrio, que representa o resultado da interação entre demanda e oferta.



CONCLUSÃO

Vimos neste material de Economia que esta ciência nos cerca, seja em aspectos micro ou macroeconômicos!!! Você, futuro profissional, estará a todo momento lidando com assuntos ligados à economia de um país.

O desafio é reunir todas essas informações e colocá-las em prática no dia a dia, exercitando sua análise crítica, analisando notícias e relacionando os conceitos vistos ao longo de todo este material.

Caro(a) aluno(a), espero que este estudo possa ser importante na sua vida profissional, e coloco-me à disposição para quaisquer dúvidas, sugestões e comentários pelo e-mail ana.nascimento@uca.edu.br

Um grande abraço,

Prof. Ms. Ana Livia Cazane do Nascimento



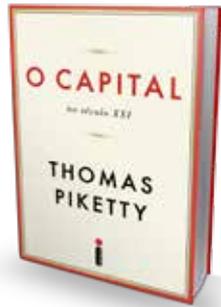


ELEMENTOS COMPLEMENTARES

LIVRO

O CAPITAL no século XXI

Autor: Thomas Piketty
Editora: Intrínseca



Síntese: Nenhum livro de economia publicado nos últimos anos foi capaz de provocar o furor internacional causado por “O capital no século XXI”, do francês Thomas Piketty. Seu estudo sobre a concentração de riqueza e a evolução da desigualdade ganhou manchetes nos principais jornais do mundo, gerou discussões nas redes sociais e colheu comentários e elogios de diversos ganhadores do Prêmio Nobel.

Fruto de quinze anos de pesquisas incansáveis, o livro se apoia em dados que remontam ao século XVIII, provenientes de mais de vinte países, para chegar a conclusões explosivas. O crescimento econômico e a difusão do conhecimento impediram que fosse concretizado o cenário apocalíptico previsto por Karl Marx no século XIX. Porém, os registros históricos demonstram que o capitalismo tende a criar um círculo vicioso de desigualdade, pois, no longo prazo, a taxa de retorno sobre os ativos é maior que o ritmo do crescimento econômico, o que se traduz numa concentração cada vez maior da riqueza. Uma situação de desigualdade extrema pode levar a um descontentamento geral e até ameaçar os valores democráticos. Mas Piketty lembra também que a intervenção política já foi capaz de reverter tal quadro no passado e poderá voltar a fazê-lo.

Essa obra, que já se tornou uma referência entre os estudos econômicos, contribui para renovar inteiramente nossa compreensão sobre a dinâmica do capitalismo ao colocar sua contradição fundamental na relação entre o crescimento econômico e o rendimento do capital. O capital no século XXI nos obriga a refletir profundamente sobre as questões mais prementes de nosso tempo.

“Piketty transformou nosso discurso econômico; jamais voltaremos a falar sobre renda e desigualdade da maneira que fazíamos.” - Paul Krugman (Prêmio Nobel de Economia), The New York Times

FILME

Margin Call: O dia Antes do Fim

Ano: 2011



Síntese: Peter Sullivan (Zachary Quinto), Seth Bregman (Penn Badgley) e Will Emerson (Paul Bettany) trabalham no setor de riscos em uma corretora, que está realizando uma série de demissões. Cerca de 80% do setor em que trabalham foi demitido, entre eles o chefe do trio, Eric Dale (Stanley Tucci). Ao pegar o elevador, Eric entrega a Peter um pen drive, que contém algo em que estava trabalhando no momento. O alerta para que tomasse cuidado com o conteúdo chama a atenção de Peter, que fica após o horário de trabalho para dar uma olhada no arquivo. Logo ele descobre que se trata de uma análise da volatilidade da empresa, que indica que há duas semanas ela ultrapassou e muito o limite de risco o qual pode correr. Desta forma, a empresa está prestes a falir, o que provoca uma reunião de emergência com diversos setores da empresa, entre eles seu dono, o acionista John Tuld (Jeremy Irons).



REFERÊNCIAS

- AMADO, Adriana Moreira, MOLLO, Maria de Rollemberg. Noções de Macroeconomia: Razões Teóricas para as Divergências entre os Economistas. Manole, 01/2003. [Minha Biblioteca].
- BAYE, Michael R. Economia de Empresas e Estratégias de Negócios. ArtMed, 09/2010.
- BESANKO, David A., BRAEUTIGAN, Ronald R. Microeconomia - Uma Abordagem Completa. LTC, 04/2004. [Minha Biblioteca].
- BRITO, Osias. Guia prático de economia e finanças. Saraiva, 03/2016. [Minha Biblioteca].
- FRANK, Robert H., BERNANKE, Ben S. Princípios de Economia. AMGH, 01/2012. [Minha Biblioteca]
- PINHO, Diva B; VASCONCELLOS, Marco A. S. de. Manual de economia. São Paulo: Saraiva.
- MILTONS, Michele Merética. Col. Diplomata - Macroeconomia, 1ª edição. Saraiva, 10/2015. [Minha Biblioteca].
- ROSSETTI, José Paschoal. Introdução à Economia, 21ª edição. Atlas, 08/2016. [Minha Biblioteca].
- SAMPAIO, Luiza Maria Moreira. Esquematizado - Macroeconomia, 2ª edição., 2nd edição. Saraiva Educação, 2012. [Minha Biblioteca].
- Rudinei, Marco Antonio Sandoval de V., Toneto Jr. Sérgio e Sakurai. Economia Fácil. Saraiva, 01/2015. [Minha Biblioteca].
- VASCONCELLOS, M. A. S. de; OLIVEIRA, R. G. Manual de microeconomia. São Paulo: Atlas.
- VASCONCELLOS, Marco Antonio S. de. Economia: micro e macro: teoria e exercícios, glossário com os 300 principais conceitos econômicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 441 p. ISBN 978-85-224433215.
- Vasconcellos, Marco Antonio Economia fácil / Marco Antonio Vasconcellos, Rudinei To- neto Junior e Sérgio Sakurai. -- São Paulo: Saraiva, 2015. 232 p.
- VASCONCELLOS, Marco Antonio de, OLIVEIRA, Roberto de, BARBIERI, Fabio. Manual de microeconomia, 3ª edição. Atlas, 08/2011. [Minha Biblioteca].
- VICECONTI, Paulo. Introdução à economia, 12ª edição, 12th edição. Saraiva, 07/2009. [Minha Biblioteca].
- SILVA, César Roberto da, LUIZ, Sinclayr. Economia e Mercados, 19ª edição. Saraiva, 01/2010. [Minha Biblioteca].
- WESSELS, Walter J. Microeconomia: Teoria e aplicações, 2ª edição. Saraiva, 05/2006. [Minha Biblioteca].